



***ENTRE O SILÊNCIO E A FALA: EX-ATLETAS NÃO
HETERONORMATIVOS E O CURRÍCULO DE MASCULINIDADE DO
FUTEBOL***

***ENTRE EL SILENCIO Y EL DISCURSO: EX DEPORTISTAS NO
HETERONORMATIVOS Y EL CURRÍCULO DE MASCULINIDAD DEL FÚTBOL***

***BETWEEN SILENCE AND SPEECH: NON-HETERONORMATIVE
FORMER ATHLETES AND THE MASCULINITY CURRICULUM OF
FOOTBALL***

Gustavo Andrada Bandeira¹

RESUMO

O futebol de espetáculo jogado por homens é um espaço de produção e circulação de masculinidades cisheteronormativas. Ao mesmo tempo, nesse ambiente também conseguimos visualizar formas de resistência contra esse modelo normativo. Essas formas de resistência vêm ganhando visibilidade, especialmente a partir da década de 2010. Neste ensaio, a partir da mudança das manifestações dos ex-atletas Richarlyson e Émerson Ferreti, que em reportagem de 2013 da Revista *Placar* não afirmavam suas sexualidades não heteronormativas, e que revelaram ser, respectivamente, bissexual e homossexual no *podcast Nos armários dos vestiários*, em 2022, mais do que procurar problematizar suas narrativas sobre suas sexualidades, tento realizar alguns apontamentos sobre os movimentos ocorridos no que podemos chamar de “cultura futebolística” nessa quase década que separam as duas manifestações.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade. Sexualidade. Cisheteronormatividade. Futebol

RESUMEN

El fútbol de espectáculo jugado por hombres es un espacio para la producción y circulación de masculinidades cisheteronormativas. Al mismo tiempo, en este entorno también podemos visualizar formas de resistencia contra este modelo normativo. Estas formas de resistencia han ganado visibilidad, especialmente desde la década de 2010.

¹ Doutor em Educação. UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil.

En este ensayo, a partir del cambio en las manifestaciones de los ex deportistas Richarlyson y Émerson Ferreti, quienes en un reportaje de la Revista *Placar* de 2013 no afirmaron sus sexualidades no heteronormativas, y quienes revelaron que eran, respectivamente, bisexuales y homosexuales en el *podcast En los armarios de los vestuarios*, de 2022, más que buscar problematizar sus narrativas sobre sus sexualidades, trato de tomar algunas notas sobre los movimientos ocurridos en lo que podemos llamar “cultura del fútbol” en esta casi década que separa ambas manifestaciones.

PALABRAS-CLAVE: Masculinidad. Sexualidad. Cisheteronormatividad. Fútbol

ABSTRACT

Spectacle football played by men is a space for the production and circulation of cisheteronormative masculinities. At the same time, in this environment we are also able to visualize forms of resistance against this normative model. These forms of resistance have been gaining visibility, especially since the 2010s. In this essay, based on the change in the manifestations of Richarlyson and Émerson Ferreti, former athletes that not affirmed their non-heteronormative sexualities in an article in *Revista Placar* in 2013, and who revealed that they were, respectively, bisexual and homosexual in the podcast called *In the locker room closets* in 2022, beside of seeking to problematize their narratives about their sexualities, I try to make some notes about the movements that occurred in what we can call “football culture” in this almost decade that separate these two manifestations.

KEYWORDS: Masculinity. Sexuality. Cisheteronormativity. Football



Do silêncio a fala

O jornalista Breiller Pires publicou a matéria *Porta da esperança?*² na revista *Placar* de setembro de 2013. A reportagem iniciou com uma afirmação categórica de um jogador da seleção brasileira de futebol masculino, campeão mundial em 2002, que preferiu manter o anonimato: “Tem muito veado no futebol”. A verificação da existência da homossexualidade no ambiente futebolístico não chega a ser uma novidade, mas seu tabu permanece. A cada atitude “desviante” o preconceito precisa ser acionado para a manutenção das chaves de inteligibilidade cisheteronormativas desse esporte.

A matéria foi produzida a partir de uma manifestação do, então, atacante do Corinthians, Emerson Sheik, que publicou em seu perfil na rede social *Instagram* um “selinho” dado em seu amigo e sócio Isaac Azar após a vitória do Corinthians por 1 a 0 diante do Coritiba pela 15ª rodada do Campeonato Brasileiro de futebol masculino de

² Disponível em: https://issuu.com/breiller/docs/revista_placar_homofobia_futebol. Acesso em 9 de setembro de 2022, às 11h21.

2013. Tão logo a foto foi publicada o jogador foi alvo de chacota de corintianos e de torcedores rivais.

Na partida seguinte à publicação na rede social, pela Copa do Brasil 2013, diante da Luverdense/MT, Emerson Sheik acabou discutindo com o zagueiro Zé Roberto, da equipe mato-grossense. Os dois jogadores acabaram expulsos. O defensor adversário ironizou o atacante: “Não aceito provocação dele, muito menos beijo”. O presidente da Luverdense, Helmut Lawisch, reforçou a crítica ao atacante da equipe paulista: “Sheik estava desestabilizado. Ele joga num time de macho e toma uma atitude daquela. Sou da moda antiga. Ou seja, homem é homem”. Mesmo no momento da publicação do selinho, Emerson Sheik, sugeriu que as pessoas vasculhassem seu perfil, em que aparece cercado de várias mulheres, antes de julgarem sua orientação sexual, o que permite apontar como a sexualidade precisa ser provada, explicitada e reiterada publicamente.

Apesar do pedido do atleta, a imagem provocou a ira de muitos torcedores do Corinthians. Integrantes de uma torcida organizada foram cobrar explicações do atleta, que havia marcado os dois gols da inédita conquista corinthiana da Libertadores da América, em 2012. O diretor da *Camisa 12* argumentava que o beijo do jogador feria a ética da “coritologia”. O “protesto” contra o toque de lábios do atleta possuía as faixas: “Viado (sic) não”; “Aqui é lugar de homem”. Mesmo que, segundo seu diretor, a torcida não fosse homofóbica, a organizada não aceita gays defendendo as cores alvinegras: “Corinthians é o time do povo, não de veado”. Sobre o selinho de Emerson Sheik, o Corinthians não fez pronunciamento oficial. O vice-presidente, Roberto de Andrade argumentou: “O Corinthians não se mete nisso. Afinal, o clube beijou alguém?”. Após os protestos das torcidas organizadas do Corinthians, o jogador pediu desculpas pelo selinho: “Não poderia ter feito isso, até porque eu não sou são-paulino”, dentro da lógica naturalizada da homofobia e da rivalidade no futebol brasileiro.

A partir da matéria de 2013, o tema da homofobia passou a tomar nova roupagem nas discussões sobre o futebol espetacularizado jogado por homens no Brasil. Na matéria, além de reportar as ameaças que o jogador sofreu de torcidas organizadas (que naquele episódio foram autorizadas pelo clube a entrar no centro de treinamento para realizar as referidas ameaças), as piadas de colegas e adversários e o pedido de desculpas do autor dos gols do título da Libertadores de 2012 do Corinthians, aparentemente sem nenhuma relação direta, foram citados o, então, jogador Richarlyson e o ex-goleiro das seleções de base, Emerson Ferreti.

Breiller lembrou que o, então, jogador do Atlético MG foi “acusado” de ser homossexual, em 2007, pelo ex-diretor do Palmeiras, José Cirillo Jr. O jogador, que até aquele momento não se posicionava sobre sua sexualidade, denunciou o dirigente por preconceito, mas teve seu caso arquivado. O juiz Manoel Maximiliano Junqueira Filho sentenciou que “futebol é jogo viril, varonil, não homossexual”. Mesmo tendo defendido Richarlyson no processo, o presidente do Sindicato dos Atletas Profissionais de São Paulo, Rinaldo Martorelli, destacava: “Não aconselharia nenhum jogador a se assumir. É algo que traria muito desgaste à carreira”. O jogador foi o único atleta do Atlético/MG vaiado apenas três jogos após a conquista da inédita Libertadores da América pelo clube mineiro. Um integrante da torcida organizada Independente, do São Paulo, ex-clube do atleta, afirmava com orgulho: “Nós mandamos o Richarlyson embora”. Segundo o torcedor, “ele [Richarlyson] manchava a imagem da instituição”. Em 2011 o Palmeiras desistiu da contratação do jogador após protestos da torcida que incluíram a faixa: “a homofobia veste verde”.

O ex-goleiro foi citado ao lembrar uma entrevista dada pelo treinador Vanderlei Luxemburgo que afirmou que Emerson Ferretí era homossexual. Em 2013, entrevistado para a matéria, o ex-goleiro de Grêmio, Flamengo, Juventude, Bahia, Vitória e outros, reclamou da manifestação do seu ex-treinador e disse que nunca assumiu “p... nenhuma” porque não haveria nada para assumir.

Passada quase uma década da matéria de Breiller, em junho de 2022 foi lançado o podcast do GE *Nos armários dos vestiários* produzido pela *Feel The Match* apresentado por Joanna de Assis e William de Lucca. Em seu episódio de estreia, Richarlyson, hoje comentarista da Rede Globo, se sentiu à vontade para informar que já teve relacionamento sexual tanto com homens quanto com mulheres. No programa ele afirmou:

Com certeza minha carreira poderia ter sido muito melhor em termos midiáticos por aquilo que eu construí dentro do futebol se não tivesse essa pauta (sexualidade). Isso é visível, todo mundo sabe disso, mas chegou num ponto em que eu fiquei saturado mesmo. Chegou um ponto que alguém me pedia entrevista, e eu perguntava: "Vai falar sobre o quê?". Mas questionamento de que poderia ser melhor? Sim, poderia³.

³ Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2022/06/24/pelo-direito-de-ser-quem-e.ghtml>. Acesso em 8 de julho de 2022, às 16h23.

No último programa da série foi a vez do ex-goleiro Emerson Ferreti se assumir homossexual. Questionado sobre o que o motivou a falar sobre o assunto pela primeira vez, ele argumentou:

É possível ser gay, ídolo e ganhar títulos. Dá para ser um jogador talentoso. Dá para ter sucesso no futebol. Eu cumpro minhas obrigações dignamente. Fui profissional e entreguei desempenho, isso acaba me motivando para deixar um legado fora de campo também. Falar sobre o assunto, jogar luz sobre o assunto vai fazer, com certeza, primeiro, quebrar um pouco esse silêncio que existe, porque sempre existiu gay no futebol. Só que ninguém fala, todo mundo ignora isso, faz de conta que não tem⁴.

As manifestações dos ex-jogadores foram recebidas com bastante simpatia por militantes LGBTQIAP+, especialmente aqueles vinculados aos esportes em geral e ao futebol em específico. Em um ambiente muito machista e cisheteronormativo, jogadores de grande qualidade e projeção, com passagens por seleções brasileiras, “assumirem” uma posição não-normativa além da direta ação afirmativa pode permitir que se tente, minimamente, implodir certa premissa esportiva masculina/machista e cisheteronormativa/ heterossexista. Além disso é relevante lembrar que “gênero e sexualidade são elementos estruturantes da vida social e da vida de cada um e cada uma” (SEFFNER; FELIPE, 2022, p. 20).

Neste ensaio gostaria de tentar pontuar as condições de possibilidade que emergem e autorizam que os ex-atletas transitem do silêncio de 2013 para a afirmação de suas identidades sexuais em 2022. Mais do que tentar visualizar as condições de possibilidade das manifestações específicas dos ex-atletas, o objetivo deste ensaio é pontuar algumas pistas do movimento que tem ocorrido no que se poderia chamar de “cultura futebolística” nesta última década. Ao mesmo tempo em que as manifestações deles apresentam caráter transgressor, não é possível abrir mão de questionar, também, essa necessidade/obrigação de fala. Qual a política ou quais as políticas de gênero e sexualidade marcam quem precisa se “assumir” para dialogar adequadamente com o currículo de masculinidade do futebol (BANDEIRA, 2019)? Richarlyson foi questionado por mais de quinze anos por uma entrevista dada por terceiro. Emerson Ferreti, mesmo sem tocar no assunto, sempre foi conhecido como o goleiro gay. Outros personagens do futebol envolvidos em caso de

⁴ Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2022/08/19/e-possivel-ser-gay-idolo-e-ganhar-titulos-diz-ex-goleiro-emerson.gh.html>. Acesso em 9 de setembro de 2022, às 11h57.

violência contra mulheres tiveram direito ao silêncio ao longo de suas trajetórias. Para tentar atingir esse objetivo, este ensaio está dividido em quatro partes. Após essa introdução, discutirei o futebol jogado por homens e a leitura da existência de um currículo de masculinidade vinculado a esta prática. Na terceira parte do texto, tento mostrar como é, justamente, na reiteração normativa que podem aparecer espaços de fissura. Aqui pretendo apontar alguns dos movimentos possíveis de serem visualizados no período pré e pós Copa do Mundo jogada por homens no Brasil que colocou a “cultura futebolística e do torcer” em questionamento para ver como, de algum modo, essas ações permitiram a mudança de perspectiva das manifestações de Richarlyson e Emerson Ferreti. Finalizo o ensaio mostrando mais alguns movimentos e marcando como breves consensos são muito mais fruto de constante disputas do que acordos definitivos sobre o que é possível ou não de ser representado sobre as vivências das masculinidades futebolísticas.

O futebol jogado por homens e o currículo de masculinidade

Os esportes modernos, onde podemos situar o futebol de espetáculo jogado por homens, seja em sua prática ou em sua fruição, se constitui como espaço de produção e circulação de masculinidades cisheteronormativas que procuram interpelar todos os sujeitos que participam desse espaço: dirigentes, jogadores, mídias, demais profissionais e torcedores. Nascido nas *public school* inglesas e com origem aristocrática, o futebol se converteu em uma prática multiclassista, transgeracional e, potencialmente, transgenérica (FIENGO, 2003). Apesar dessa suposta potencialidade transgenérica, ainda existem hierarquias de gênero bastante marcadas com conteúdos específicos, abordando não apenas a predominância da masculinidade como representação legítima no espaço do futebol de espetáculo, como limitando as possibilidades de vivências dessa masculinidade. O futebol “se transformó en una pasión planetaria y es posiblemente el único elemento de una cultura mundial masculina entendida por todos y que transgrede la diversidad de regiones y de generaciones” (BROMBERGER, 2001, p. 17). Pablo Alabarces (2014) lembra que existe uma série de representações bastante cristalizadas na cultura do futebol, dentre as quais a de que esta seria uma cultura masculina e reservada aos homens. Ao entendermos a produção e circulação dos gêneros como uma política precisamos explicitar que esse masculino não é uma essência ou uma verdade absoluta,

mas que é construído de forma diversa e hierarquizada em relação ao feminino e a outras possibilidades de vivências masculinas.

Os esportes em geral, e o futebol em específico, acabam trabalhando fortemente na circulação e na produção de valores e de representações associados a masculinidades. Eles podem ser lidos como uma das instituições generificadas e androcêntricas de nossa cultura.

[...] o esporte, como qualquer outra prática cultural, é generificado e generificador. Ou seja, seu acontecer está perpassado pela (re)produção de masculinidades e feminilidades, e estes marcadores identitários não são neutros nem universais. Ao contrário: constroem-se cotidianamente considerando as representações culturais a eles associados. São também produzidos por meio de processos de aprendizagem que se fazem presentes nos discursos médicos, familiares, religiosos, pedagógicos, jurídicos e, ainda, naqueles que circulam em diferentes outros meios de comunicação. (MÜHLEN; GOELLNER, 2012, p. 167).

O contexto de produções de masculinidade da cultura futebolística, que circula dentro estádios de futebol, e também em suas diferentes transmissões mediadas, é marcado por um forte cisheterossexismo e por manifestações constantes que desvalorizam masculinidades que fujam de representações heteronormativas. Utilizo o conceito de heterossexismos me associando ao esforço de romper com a ideia de “fobia” preso no termo homofobia. O cisheterossexismo acaba “designando um sistema em que a heterossexualidade é institucionalizada como norma social, política, econômica e jurídica, não importa se de modo explícito ou implícito” (RIOS, 2009, p. 62).

O contexto de produções de masculinidade dos estádios de futebol é marcado por um forte [cis]heterossexismo e por manifestações constantes que desvalorizam masculinidades que fujam de representações heteronormativas. (...) Esse conceito, talvez, se aproxime mais do machismo que do racismo nas práticas que aparecem nos estádios. (...) Se parece possível pensar ou questionar a possibilidade de o espaço lúdico do estádio de futebol comportar atitudes homofóbicas, me parece ser muito mais improvável negar seu componente [cis]heterossexista. (BANDEIRA, 2019, p. 97-98).

A masculinidade pode aparecer como um valor positivo dos jogadores de futebol. Além de habilidades do jogo, exige-se que os atletas apresentem outras qualificações: “os atributos técnicos tornaram-se tão importantes quanto valores como coragem, destemor, ousadia, masculinidade, honra e assim por diante” (DAMO, 2002, p. 32). A masculinidade, nesse contexto, não seria a junção de características historicamente atribuídas ao masculino. Ela pode ser lida como mais um atributo. É importante ser

corajoso e masculino, destemido e masculino, ousado e masculino, honrado e masculino. No futebol, a masculinidade é uma característica sempre importante e desejável para os jogadores. O futebol é uma importante instituição masculina. Ele é produzido por pressupostos de masculinidade, ao mesmo tempo em que participa da produção, da circulação e da hierarquização de diferentes possibilidades de masculinidades. Pelos aspectos de competição, de violência e de combate (considerados atributos de masculinidade), os esportes constituem-se como local privilegiado para a construção de masculinidades específicas (CECCHETTO, 2004).

Não é possível entender que o futebol produza ou veicule um único modelo de masculinidade. Porém, “as possibilidades de ser homem são muito estreitas, há pouco espaço para a variação” (SEFFNER, 2004, p. 100). Além disso, apontar apenas que diferentes masculinidades são produzidas na cultura não pode ignorar que essas produções são legitimadas de forma desigual.

[...] não é suficiente afirmar que os sujeitos humanos são construídos, pois a construção do humano é uma operação diferencial que produz o mais e o menos “humano”, o inumano, o humanamente impensável. Esses locais excluídos vêm a limitar o “humano” com seu exterior constitutivo, e a assombrar aquelas fronteiras com a persistente possibilidade de sua perturbação e rearticulação. (BUTLER, 2001, p. 161).

Na construção do “mais humano” modelo de masculinidade de nossa cultura futebolística androcêntrica e cisheteronormativa algumas ações são importantes para que esses sujeitos sejam bem avaliados. Um dos principais conteúdos desse currículo de masculinidade é a constante desvalorização das práticas homoeróticas, especialmente aquelas associadas à passividade. A própria concepção do esporte carrega, historicamente, essa hierarquização que valoriza elementos associados aos homens e à masculinidade. Georges Vigarello recorda que nos princípios do século XX,

[...] os ideólogos do esporte, em particular, multiplicam os argumentos que promovem a perfeição masculina: tanto o vigor como sua aplicação monitorada, tanto o “músculo” como sua “utilização” moral, a exemplificação dos confrontos, a “luta” de homens valorizados, legitimados por um universo de árbitros e de regulamentos. Assim, uma qualidade se impõe no âmago da excelência, ou seja, a virilidade. (2013, p. 270).

A produção das identidades dos agentes envolvidos no futebol de espetáculo jogado por homens segue a mesma lógica de produção de outros marcadores culturais. Chantal

Mouffe reforça que “toda definición de un ‘nosotros’ implica la delimitación de una ‘frontera’ y la designación de un ‘ellos’. Esa definición de un ‘nosotros’ siempre tiene lugar, por lo tanto, en un contexto de diversidad y conflicto” (1993, p. 9). Esse outro ou rival não é apenas a negação de nossa identidade, ele é complementar a nossa identidade. Verónica Moreira (2005) afirma que a sequência de desafios e contra desafios de torcidas adversárias não serve para negar o adversário, mas para mostrar a necessidade desse outro para a busca da superioridade. Dos jogadores, os torcedores exigem qualidades técnicas, mas também certo desprendimento, coragem, virilidade, honra e outros adjetivos quase sempre associados ao masculino. Participar de uma disputa futebolística é colocar valores de honra e masculinidade em risco, uma vez que a vitória não pode ser assegurada de uma vez para sempre, “en el ritual futbolero se dirime identidad de género. Porque en un partido de fútbol no se juega únicamente la gloria deportiva del club y los futbolistas, sino que simultáneamente está en juego la condición sexual de los hinchas” (ALABARCES, 2014, p. 185).

A afirmação da masculinidade vencedora em uma disputa esportiva e masculina carrega consigo a produção de uma masculinidade derrotada. A política utilizada faz com que a masculinidade exaltada nos espaços do futebol de espetáculo jogado por homens não seja feita a partir da construção e exibição dessa masculinidade desejada, mas sim, da construção e exibição da masculinidade não desejada, da masculinidade “deles”. Essa masculinidade menos competente, a fronteira da “nossa” masculinidade, quase sempre é associada com elementos culturalmente entendidos como femininos e que são associados aos homossexuais em uma representação bastante simplificada de quem sejam esses sujeitos produzidos como menos importantes ou desejáveis.

A cultura futebolística produz sujeitos que acabam sendo constituídos por uma série de elementos valorizados dentro da “cultura masculina”. Para Daniel Borrillo, “a competição, a forte apreensão relativamente à demonstração de vulnerabilidade, o controle dos sentimentos e a homofobia constituem os elementos que modelam o jeito de ser homem” (2010, p. 89). Na socialização masculina que ocorre na cultura futebolística muitos desses elementos são considerados na hora de “avaliar” os comportamentos constituídos como adequados. A associação entre esporte e construções de masculinidade é uma possibilidade de visualizar de que forma o gênero funciona como um atravessador das instituições. O que está em questão quando se aprende a jogar, ou mesmo a torcer,

não são apenas as melhores maneiras de executar essas práticas, mas se está ingressando em uma instituição repleta de significados.

As masculinidades constroem-se em um importante campo de disputas por legitimidade entre diferentes representações de masculinidades. Eduardo Archetti entende que “hay contextos que son eminentemente masculinos, donde ‘los otros’ relevantes son los hombres – distintas clases de hombres” (2003, p. 160). Na cultura futebolística, mesmo sendo cada vez mais colocado em questão a partir do positivo aumento da presença de mulheres nos últimos anos nos estádios e nas transmissões esportivas, ainda é possível verificar a existência desses contextos. Isso não significa constituir esse contexto cultural específico como exclusivamente masculino, mas sim, destacar a preponderância discursiva dessas disputas entre masculinidades na construção do que se pode chamar de um currículo de masculinidade dos torcedores de estádio de futebol (BANDEIRA, 2019). Em alguma medida, tanto os corpos normativamente representados como masculinos, quanto aqueles representados como femininos, estariam envolvidos nessa produção de masculinidades, são atravessados por esse currículo.

É necessário passar por diferentes processos de aprendizagens para que os sujeitos possam ser introduzidos nesse contexto futebolístico. Ser inserido na cultura futebolística significa passar por diferentes pedagogias. O torcedor, por exemplo, precisa aprender quando e o que gritar, quando e o que calar e, mesmo, o que e como sentir... “A prática e a contemplação esportiva podem ser consideradas atos educativos, sejam eles atinentes ao domínio das técnicas corporais, das sensibilidades estéticas ou dos controles/descontroles emocionais” (DAMO, 2005, p. 43-44). As masculinidades, também, são constituídas por meio de diferentes processos educativos. Para se tornar homem é necessário passar por diferentes pedagogias de gênero e sexualidade, dentre outras. Aqui vale destacar o entendimento de educação utilizado. A educação,

[...] envolve o conjunto de processos através do qual indivíduos são transformados ou se transformam em sujeitos de uma cultura. Tornar-se sujeito de uma cultura envolve um complexo de forças e de processos de aprendizagem que hoje deriva de uma infinidade de instituições e “lugares pedagógicos” para além da família, da igreja e da escola, e engloba uma ampla e variada gama de processos educativos, incluindo aqueles que são chamados em outras teorizações de “socialização”. (MEYER, 2009, p. 222).

Diferentes instâncias trabalham nesses processos da construção dos sujeitos, “não é apenas a escola que educa [...] outras instâncias sociais também o fazem na medida em

que constroem representações, subjetivam os indivíduos e grupos sociais” (FISCHER, 2002, p. 68-69). A partir dos Estudos Culturais, é possível entender que existe pedagogia em diferentes artefatos culturais. “As pedagogias culturais que são colocadas para funcionar através de artefatos culturais da mídia contemporânea, dentre outros, têm-se revelado, pois, como processos educativos potentes quando se trata de instituir relações entre corpo, gênero e sexualidade” (MEYER, 2009, p. 223). Todo e qualquer artefato apresenta um currículo (PARAÍSO, 2012). Artefatos ou práticas culturais, tais como os programas televisivos, romances, músicas, instruções normativas, programas governamentais, peças publicitárias, cinema, brinquedos, matérias de jornais, jogos de futebol..., não são entendidos apenas como informação ou entretenimento. Do ponto de vista pedagógico, “trata-se [...] de formas de conhecimento que influenciarão o comportamento das pessoas” (SILVA, 2003, p. 140).

O currículo de masculinidade que atravessa os atores que se inserem na cultura futebolística deve ser mais produtivamente pensado como uma série de sugestões ou de indicações, algo que os sujeitos são reiteradamente incitados a fazer. “O currículo diz [...] sobre o tipo de sujeito que se deve com ele formar [...] sobre os saberes que devem ser ensinados e aprendidos, sobre como conhecer o que foi aprendido, sobre o tipo de sociedade e os valores a serem construídos” (PARAÍSO, 2010, p. 11). Esses currículos apontam para diferentes processos educativos, quase sempre não formais, para os sujeitos que pretendem percorrer caminhos que possam levá-los a serem entendidos como torcedores, como dirigentes, como especialistas, como atletas, como homens ou masculinos nesse contexto cultural específico.

Um currículo, como toda e qualquer construção cultural, necessita de tempo para fazer o seu trabalho, e, esse trabalho nunca se faz de uma vez por todas. Um currículo é atravessado por diferentes planos normativos. Esses planos normativos se interrompem reciprocamente, obedecendo a operações mais amplas de poder e, por vezes, enfrentando versões especulares do que pretendem conhecer (BUTLER, 2010). Um currículo precisa ser lido como um texto cultural que produz sentidos e significados sobre o mundo. Como “prática cultural”, o currículo possui uma política e uma pedagogia (PARAÍSO, 2010). Os conteúdos postos em cena ou invisibilizados constituem os indivíduos. Tomando o conceito de dispositivo de Michel Foucault, que seria entendido como

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis,

medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 2004, p. 244).

E dialogando com o trabalho de Rosa Maria Bueno Fischer ao propor o conceito de “dispositivo pedagógico da mídia”, que ela define como um “modo muito concreto de formar, de constituir sujeitos sociais, através da prática cotidiana de consumir produtos televisivos” (FISCHER, 1997, p. 71), seria possível supor a existência de um dispositivo pedagógico do futebol que abarcaria esse heterogêneo conjunto de discursos sobre o torcer, o dirigir, o jogar, o mediar e sobre como se constituir como um sujeito masculino por meio das diferentes práticas educativas que acontecem nesse contexto específico.

É possível pensar que esse dispositivo pedagógico do futebol coloca protagonismo nas construções de masculinidades. E não de qualquer masculinidade, mas de uma masculinidade normativa, cisheterossexista. Além de exaltar uma masculinidade específica existe a necessidade de reforçar a abjeção em relação as masculinidades não cisgênero e não heterossexuais. Com isso, o silêncio e o apagamento acabam sendo o lugar legítimo para quaisquer masculinidades que possam, minimamente, questionar essa norma masculina cisheterossexista.

Espaços de enfrentamento na reiteração da norma

Podemos caracterizar a cultura masculina do futebol que inclui seus jogadores, dirigentes, mídias e torcedores como espaços cisheteronormativos. A cisheteronormatividade funciona como um amplo sistema de relações de poder vinculadas a práticas e a instituições que colocam a heterossexualidade e a cisgeneridade como a norma cultural. Os gêneros funcionam como lógica normativa, atravessando e constituindo as instituições sociais. Um dos importantes exercícios das construções normativas é certa invisibilidade que tenta marcar que ela não é uma posição ou perspectiva, mas a única possibilidade existente: “Seu maior efeito persuasivo [da norma] se dá no silêncio, não quando fala” (SEFFNER, 2022, p. 243). Ao mesmo tempo, as próprias normas ao trabalharem com sua incessante reiteração, criam espaço para suas fissuras. Talvez, seja possível visualizar, justamente nesses espaços de fissura, no momento da reiteração normativa, o aparecimento de espaços de resistência, “uma matriz

heterossexual delimita os padrões de performances e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece pauta para as transgressões” (BRITO, 2019, p. 96).

Apesar de diferentes trabalhos demonstrarem a constante presença de indivíduos homossexuais nas torcidas e nos estádios (ANJOS, 2022; SILVA JÚNIOR, 2018), existe certo entendimento de que a cultura dos torcedores de futebol, que também atravessa a cultura futebolística dos demais atores, poderia ser pensada como um espaço de reserva masculina, cisgênero e heterossexual. A alteridade homossexual está sempre presente. Em diferentes momentos ela é marcada através das brincadeiras feitas entre os torcedores, mas também durante as transmissões esportivas, em que a heterossexualidade (ou a falta dela) é sempre utilizada nas disputas verbais entre os sujeitos. Com a heterossexualidade presumida nesse ambiente, o entendimento, muitas vezes é de que o “riso” contra as identidades homossexuais nem mesmo se constituiria em uma ofensa ou violência.

Em uma relação um tanto cristalizada entre masculinidade e a exigência de algumas manifestações violentas, por vezes, se diminuem as possibilidades de se solicitar o entendimento de que a homofobia seja uma forma de violência: “injúrias [...] que classificam o adversário como homossexual, ou fazem referência à passividade em relações sexuais, ocorrem rotineiramente nos estádios, sem que sejam levantadas discussões ou polêmicas quanto ao seu caráter homofóbico” (ANJOS, 2015, p. 13). A homofobia não pode/deve ser pensada como uma atitude de ódio individual, em que um ou outro desajustado entenderia que um sujeito específico pode ser xingado ou agredido devido às suas práticas ou identidades sexuais: “tomar los actos de un individuo como punto de partida de un razonamiento moral significa precisamente clausurar la posibilidad de preguntar qué tipo de mundo les ‘da forma’ a tales sujetos” (BUTLER, 2009, p. 40).

A homofobia surge como um mecanismo de proteção da heterossexualidade, sendo orquestrada por um conjunto complexo de ações discriminatórias que variam desde a repulsa externalizada de ser/tornar-se homossexual à inferiorização e marginalização dos indivíduos não obedientes à ordem clássica dos gêneros. Atua, portanto, como um importante mecanismo regulatório e de policiamento das sexualidades, onde a construção da identidade masculina se dá por meio da negação de qualquer comportamento dito feminino. (GARCIA; PEREIRA, 2019, p. 31-32).

A cultura do futebol está bastante imbricada com uma dramatização das masculinidades. Dramatizações essas que carregam um conteúdo cisheteronormativo e cisheterossexista que nos permitirão, inclusive, questionar se essas manifestações

poderão ou não ser consideradas violentas. Em contextos em que é possível visualizar de forma bastante evidente um currículo de masculinidade, como no futebol, aparentemente, a sexualidade não pode ser deixada de lado ou considerada apenas mais um conteúdo dessa masculinidade. Poderíamos pensar em uma construção de gênero indissociável da sexualidade. Daniel Borrillo (2010) lembra que o xingamento “veado” está mais associado a certo “desrespeito” às normas “naturais” do gênero masculino do que às reais preferências sexuais do sujeito que foi alvo desse xingamento.

A tarefa de tentar visualizar a irrupção de discursividades que apontam para lados opostos do naturalizado em determinada cultura é sempre um tanto complicada. Se os estádios de futebol possuem data de inauguração, a emergência de diferentes textos e seus deslocamentos dentro do circuito da cultura aparecem dentro de um conjunto de condições de possibilidade que parecem não possuir uma data fixa capaz de marcar o início desses processos. As fissuras que ocorrem a partir das reiterações normativas apresentam poucos marcos de origem visíveis. Entretanto, parece ser possível apontar para a existência de uma série de questionamentos às práticas torcedoras, especialmente as que ocorrem nos estádios, durante a última década. Mesmo que desde o Relatório Taylor, de 1990, já fosse possível localizar “a introdução de novas leis que dessem conta de transgressões cometidas dentro dos estádios, incluindo aí canções racistas e o arremesso de objetos no campo de jogo” (HOLZMEISTER, 2005, p. 48) e o processo de modernização dos estádios no Brasil já pudesse ser visualizado, também, desde a década de 1990, parece possível apontar que a realização da Copa do Mundo de futebol jogado por homens no Brasil, em 2014, não apenas catalisou uma série de situações que já estavam ocorrendo, como colocou o torcedor, o torcer e a própria cultura futebolística definitivamente em questão.

Em março de 2013, a Fifa criou uma força-tarefa para combater o racismo. Uma equipe composta por advogados, jornalistas, jogadores e outros propôs a criação de um guia de boas práticas para as federações⁵, a criação de sistemas de monitoramento, a identificação de partidas de alto risco e a nomeação de embaixadores antidiscriminação⁶. Em setembro de 2016, a federação desfez a força-tarefa, mas alegou que seguiria

⁵ Disponível em: http://resources.fifa.com/mm/Document/AFSocial/Anti-Racism/02/70/94/34/goodpracticeguide_Neutral.pdf. Acesso em 02 maio 2017.

⁶ Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/28/deportes/1475055785_480275.html. Acesso em 02 maio 2017.

preocupada com casos envolvendo racismo e discriminação⁷. No segundo semestre de 2015, a Fifa puniu confederações sul-americanas e a do México por cânticos entendidos por ela como homofóbicos. Naquele momento, foram punidas, além da federação mexicana, as federações do Chile, Argentina, Peru e Uruguai⁸. Durante a premiação dos melhores futebolistas de 2013, em janeiro de 2014, o então presidente da Fifa, Joseph Blatter informou que a federação ampliaria seu olhar contra ofensas de ordem sexual, conjuntamente com as de conteúdos religiosos e étnico/raciais, que até aquele momento já haviam implicado em sanções para clubes, torcedores e atletas⁹.

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) foi punida pela FIFA em 20 mil francos após a partida contra a Colômbia pelas Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2018, realizada no dia 06 de setembro de 2016. No comunicado, a entidade afirmou:

Todos estes procedimentos têm relação com torcedores que mostraram uma conduta discriminatória ou antidesportiva, chegando inclusive a entoar cantos homofóbicos em alguns casos. A Comissão Disciplinar da FIFA emitiu seus vereditos depois de analisar as circunstâncias específicas de cada expediente, em particular, as súmulas dos árbitros, a postura da federação e o relatório do observador antidiscriminação do jogo e das provas disponíveis. Em alguns casos, também foram levados em conta certos atenuantes, como os esforços das federações para conscientizar os espectadores e lutar contra a discriminação¹⁰.

Em 2013, diferentes grupos de torcedores tentaram colocar as manifestações nos estádios em questão, tensionando as representações de masculinidade cisheteronormativas da cultura do futebol. Tentando, em alguma medida, deslocar o lugar da presença homossexual nos estádios de futebol, ampliando o número de ações possíveis, torcedores de diversos clubes brasileiros iniciaram um movimento nas redes sociais defendendo, não somente, a tolerância de gênero, mas, principalmente, de identidades sexuais não cisheteronormativas¹¹ nos estádios de futebol no Brasil. O movimento foi iniciado na rede social *Facebook* por uma torcedora do Atlético Mineiro, que criou a

⁷ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2016/09/fifa-encerra-forca-tarefa-contraracismo.html>. Acesso em: 02 maio 2017.

⁸ Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/fifa-multa-federacoes-de-futebol-por-cantos-homofobicos-de-torcida/>. Acesso em 17 jan. 2017.

⁹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/01/1405125-fifa-cria-projeto-contr-a-homofobia-no-futebol.shtml>. Acesso em 02 maio 2017.

¹⁰ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2016/10/fifa-multa-cbf-por-gritos-homofobicos-de-torcedores-em-brasil-x-colombia.html>. Acesso em 10/01/2017, às 9h46.

¹¹ Essas *fanpages* possuem nomes bastante diversos nos sentidos das lógicas identitária e pós-identitárias. Não tenho o objetivo de discutir o que as torcidas estão entendendo por *queer* ou livre. Para os argumentos que trago nesta seção é importante pensar em todas essas torcidas unificadas contra a homofobia, o machismo e demais preconceitos contra diferentes identidades sexuais.

fanpage *Galo Queer*. “A homofobia é tratada com naturalidade nos estádios. Nós nos unimos para mudar essa visão’, diz a cientista social idealizadora da página¹²”. Dentro desse campo de disputas por significados existiu uma percepção positiva em relação ao conteúdo publicado e ao aparecimento das demais torcidas¹³. Ao mesmo tempo, porém, existiram algumas manifestações bastante agressivas, além de acusações de que o material teria sido criado por torcedores dos clubes rivais dentro da lógica binária da rivalidade futebolística que deprecia as vivências do adversário de acordo com as características assumidas como negativas nesse contexto. Na cultura futebolística o homossexual é sempre o outro. Violência, ofensa ou, mesmo, piada, a marcação entre nós heterossexuais e eles homossexuais marca explicitamente a hierarquização entre esses sujeitos específicos.

Gritos de “viado” são recorrentes nos estádios de futebol. Evidentemente, “viados” são, sempre, os jogadores e os torcedores do time adversário ou, muitas vezes, o bandeirinha ou o juiz que deixou de ver ou de apitar a falta ou o gol que favorece nosso time. A frequência desses gritos parece ter banalizado o insulto. Mas não resta dúvida de que a expressão é usada como insulto. Ela é dirigida ao “outro” que é diferente daquele que grita, ao outro que não é do “meu” time. A recorrência do uso da expressão não apaga sua história. Na verdade, a expressão funciona como insulto, porque ela é uma “citação”. Como demonstrou Derrida, para que um enunciado performativo seja bem-sucedido, quer dizer, para que ele “funcione” e produza o que está enunciando, deverá repetir algo que é reconhecível, ele deverá acionar um código, algo que “entendemos”. Essas expressões “funcionam” como insulto precisamente porque ecoam histórias de desprezo. (LOURO, 2016, p. 272).

Mais do que a criação de torcidas vinculadas à determinada identidade sexual, o objetivo das manifestações das torcidas *queer* era combater o preconceito nos estádios de futebol. Segundo os administradores dos perfis das torcidas gaúchas, “a ideia não é criar torcidas de homossexuais e, sim, promover o fim da intolerância à diversidade sexual¹⁴”.

¹² Disponível em: <http://placar.abril.com.br/materia/porta-da-esperanca-selinho-de-sheik-reforca-a-homofobia-no-futebol>. Acesso em 11/05/2015, às 13h29.

¹³ Além da Galo Queer (Atlético Mineiro), existiram em algum momento no *Facebook* as torcidas Furacão – Sem Homofobia (Atlético Paranaense), EC Bahia Livre (Esporte Clube Bahia), Coxa – Sem Homofobia (Coritiba), Cruzeiro Livre (Cruzeiro), Grêmio Queer (Grêmio), Queerlorado (Internacional), Timbu Queer (Clube Náutico Capibaribe), Palmeiras Livre (Palmeiras), Bambi Tricolor (São Paulo) e Vitória Livre (Vitória).

¹⁴ Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2013/04/torcedores-criam-paginas-no-facebook-para-pedir-respeito-a-diversidade-sexual-nas-arquibancadas-4113055.html>. Acesso em 10/07/2023, às 15h34.

O criador do grupo EC Bahia Livre reclamava da necessidade de cuidar de seu comportamento nos estádios. “Quero assistir aos jogos no estádio, quero participar, mas tenho que ficar como um agente duplo: ao mesmo tempo que estou ali, ninguém pode saber que sou gay¹⁵”.

[...] todas as formas de preconceito ao homossexual são expressas em um campo de futebol. A imagem do homossexual é incongruente aos olhos dos espectadores que entendem o futebol como reduto da força física, como se a liberdade sexual estivesse ligada a ter ou não força, ter ou não virilidade. (ALMEIDA; SOARES, 2012, p. 314).

Jornalista, militante e torcedor do Palmeiras, William de Lucca, entendia que o “estádio é um ambiente super homofóbico. Lá não se vê nenhuma manifestação de diversidade afetiva¹⁶”. O torcedor e seu namorado, também palmeirense, foram aconselhados por amigos a não realizarem demonstrações de afeto dentro dos estádios. Ele acreditava que “o estádio de futebol é mais hostil do que a própria rua (...). A homofobia é muito mais explícita¹⁷”. “Apesar da sociedade em que vivemos já apresentar fortes padrões [cis]heteronormativos, as arenas esportivas destacam-se como espaço em que há maior permissividade para expressar tais construções de formas explícitas, ofensivas e agressivas” (ANJOS, 2015, p. 17).

Uma das dúvidas que existia junto ao surgimento das torcidas *queer* se dava em função da possibilidade da entrada delas nos estádios, ou de sua ampliação para além das redes sociais. Os diferentes grupos dessas torcidas foram “repelidos por organizadas. ‘Essa torcida não existe, chapa! Não significa nada para nós’, afirma um diretor da Independente sobre a página são-paulina [Bambi Tricolor]¹⁸”. Os torcedores da Palmeiras Livre informaram que sofriam ameaças diárias:

Os integrantes querem ocupar as arquibancadas, mas temem agressões físicas, já que as verbais ocorrem diariamente. “Dia sim e outro também nós recebemos ameaças”, conta a fotógrafa e analista de mídias sociais Thaís Nozue, também integrante da Palmeiras Livre. “As pessoas vêm

¹⁵ Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130521_torcidas_homofobia_pai_jf.shtml. Acesso em 11/05/2015, às 13h27.

¹⁶ Disponível em: <http://www.etc.com.br/cidadania/2013/11/torcidas-gays-especial-mostra-o-tabu-das-arquibancadas>. Acesso em 13 de janeiro de 2014, às 16h38.

¹⁷ Disponível em: <http://www.etc.com.br/cidadania/2013/11/torcidas-gays-especial-mostra-o-tabu-das-arquibancadas>. Acesso em 13/01/2014, às 16h38.

¹⁸ Disponível em: <http://placar.abril.com.br/materia/porta-da-esperanca-selinho-de-sheik-reforca-a-homofobia-no-futebol>. Acesso em 11/05/2015, às 13h29.

ameaçando, dizendo que estão mexendo com o time errado, que eles vão descobrir quem é, que não sei o quê¹⁹.

Algumas torcidas fazem uma série de restrições para o ingresso de novos integrantes. O diretor da Máfia Azul, maior torcida organizada do Cruzeiro, citou algumas das exigências aos novos associados: “Não pode ter brinco, pulseirinha, gelzinho. É cabelo raspado, só²⁰”. O diretor da torcida também era contra a contratação de atletas homossexuais pelo clube. De forma bastante explícita, ele definia: “O cara que dá a bunda pra outro homem não representa nossa torcida²¹”. Dada a reiteração desses conteúdos, singularizar essas manifestações em torcedores individuais ou, mesmo, nas torcidas organizadas parece ser pouco produtivo. Esses conteúdos atravessam a construção dos diferentes atores envolvidos no que venho chamado neste texto de “cultura futebolística”, eles não estão restritos aos torcedores.

Ex-dirigentes do São Paulo e do Corinthians acreditavam que o ambiente do futebol era bastante machista e que os clubes possuiriam pouca margem de ação. Marco Aurélio Cunha, ex-vice-presidente de futebol do São Paulo associava a homofobia com uma das vertentes de violência no futebol. Ele acreditava que os clubes evitavam enfrentar essas situações, especialmente as que envolviam torcedores organizados: “Com medo de mexer em vespeiro, o clube fica oprimido, e o silêncio de todos é que cria a rede de novos conflitos que vão se dividindo em alvos específicos²²”. Antonio Roque Citadini, ex-vice-presidente do Corinthians, entendia que o ambiente futebolístico seria muito conservador, o que impossibilitaria os atletas de assumirem uma condição de sexualidade não normativa. Segundo ele, a “igreja vai admitir (gays), o Exército, mas o futebol será o último²³”.

Se ainda não conseguimos ver uma torcida homossexual nos estádios brasileiros em 2023²⁴, já foi possível enxergar algumas participações torcedoras que rompem com a lógica cisheteronormativa da cultura futebolística, também nos estádios. Algumas dessas

¹⁹ Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2013/11/torcidas-gays-especial-mostra-o-tabu-das-arquibancadas>. Acesso em 13/01/2014, às 16h38.

²⁰ Disponível em: <http://placar.abril.com.br/materia/porta-da-esperanca-selinho-de-sheik-reforca-a-homofobia-no-futebol>. Acesso em 11/05/2015, às 13h29.

²¹ Disponível em: <http://placar.abril.com.br/materia/porta-da-esperanca-selinho-de-sheik-reforca-a-homofobia-no-futebol>. Acesso em 11/05/2015, às 13h29.

²² Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130521_torcidas_homofobia_pai_jf.shtml. Acesso em 11/05/2015, às 13h27.

²³ Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130521_torcidas_homofobia_pai_jf.shtml. Acesso em 11/05/2015, às 13h27.

²⁴ Aqui nos referimos a torcidas contemporâneas, não as torcidas históricas como, por exemplo, a Coligay (ANJOS, 2022).

torcidas livres, *queer* ou outras acabaram sendo a origem de uma outra forma de agrupação, as torcidas antifascistas. Uma delas, a *Tribuna 77*, é um coletivo de torcedores que frequenta as Cadeiras Superiores Norte da Arena do Grêmio. Após o atentado terrorista na boate Pulse, em Orlando, nos Estados Unidos, em 2016, os integrantes abriram uma bandeira do arco-íris, em homenagem às vítimas do ataque homofóbico. Em abril de 2017, o grupo levou um “trapo” em homenagem aos quarenta anos da Coligay.

Além disso, as torcidas LGBTQIAP+ conseguiram criar um coletivo de torcidas intitulado *Canarinhos LGBTQ* procurando a criação de ações para combater a LGBTQIAP+fobia nos estádios procurando a criação de um ambiente mais plural. Eles possuem um observatório e realizam o monitoramento de violências contra a comunidade LGBTQIAP+ nos estádios²⁵.

Essas manifestações de torcedores, ainda um tanto tímidas, parecem ser possíveis em um cenário que começa a desnaturalizar o ambiente cisheterossexista da cultura futebolística. Apesar de sua permanência, manifestações discriminatórias feitas por torcedores, dirigentes, jogadores ou jornalistas começam a ser mais fortemente repreendidas. A restrição a essas manifestações poderia autorizar, inclusive, atitudes mais afirmativas vinculadas a outras formas de vivências masculinas nessa cultura.

A homofobia como legado e como possibilidade

O futebol é uma das poucas instâncias em nossa cultura que permite ou possibilita a formação de comunidades afetivas masculinas. No mesmo contexto em que se ressaltam a virilidade, que se exercem manifestações de violência verbal e uma constante promessa de violência física, se cantam afetos e amores nem sempre permitidos em outros locais da cultura (BANDEIRA, 2012). Outra possibilidade de rasura dessa masculinidade pode ser visualizada na grande possibilidade de contatos físicos entre jogadores e, especialmente, entre os torcedores. Saltos abraçados, a exposição de determinados corpos sem camiseta (especialmente, jovens, musculosos e sem pelos), os abraços aos “desconhecidos” na hora do gol...

Talvez, resida justamente nessas pequenas transgressões da masculinidade a necessidade urgente de se reforçar a condição de cisheterossexuais e cisheterossexistas.

²⁵ Disponível em: <https://www.torcidaslgbt.com.br/>. Acesso em 10/07/2023, às 15h53.

O medo da homossexualidade impregna as culturas homosociais: medo de ser, sem sabe-lo, no contato com homossexuais, medo também de ser tomado por um homossexual, o que leva a acentuação de condutas machistas para desviar as suposições, ou seja, a exacerbação da violência homofóbica. (TAMAGNE, 2013, p. 442).

A possibilidade de descrição da homofobia como uma violência, curiosamente, poderia servir para democratizar o espaço futebolístico. A homofobia, até então naturalizada nos estádios de futebol, acabou sendo explicitada e contestada por diferentes atores. Seria possível apostar que a entrada da homofobia na pauta de discussões sobre o esporte poderia ser um primeiro, e tímido, passo para o enfrentamento das diversidades sexuais nos esportes em geral e no futebol em específico. Olhando a participação de torcidas e torcedores ao longo dos anos nos estádios de futebol, é possível visualizar um movimento que procura deslocar o lugar estabelecido dessa normatividade masculina. Coletivos de mulheres, grupos LGBTQIAP+, torcidas antifascistas entre outros atores têm buscado não apenas desnaturalizar a lógica torcedora vigente como, também, tem proposto a criação de novas narrativas em um importante jogo de disputa por significados.

Alguns clubes também começaram a pautar conteúdos até então silenciados no espaço do futebol profissional no Brasil. Com o objetivo de se tornar o “clube mais democrático do Brasil”, o Bahia criou, em março de 2018, o Núcleo de Ações Afirmativas do clube. No dia da visibilidade Trans, em 29 de janeiro de 2019, o clube informou que passaria a utilizar o nome social para tratar suas sócias, funcionárias, torcedoras e torcedoras rivais que se identificassem como mulheres trans. O clube lançou, também, a campanha “Não há nenhum impedimento” para marcar o Dia Internacional de combate à Homofobia, Bifobia e Transfobia, em 17 de maio de 2018. A data faz referência à extinção da classificação “distúrbios da sexualidade” como doença para a Organização Mundial da Saúde.

No *podcast* Richarlyson afirmou saber que precisava se esforçar mais do que os outros ao longo de sua carreira para não ter seu lugar no time questionado. Ele acreditava que a afirmação de sua sexualidade não traria grandes avanços para a luta das pessoas LGBTQIAP+ entendendo que as reportagens que seriam realizadas a partir daquele momento focariam na sua sexualidade e não no problema, que ele entendia ser o verdadeiro, que é a homofobia. Ele acreditava que o que ajudaria a enfrentar essa situação seria o engajamento de atletas heterossexuais, que um time saísse de campo quando acontecesse homofobia, que os clubes fossem punidos... Por fim, ele pediu para não ser lembrado por ser bissexual, mas sim pelas conquistas em campo a partir do seu trabalho.

Émerson Ferreti já parecia um pouco mais otimista em relação aos efeitos positivos de manifestações como a dele. Ele demorou muito para aceitar sua homossexualidade. Conscientemente ele procurava focar toda a sua energia no desempenho em campo para assegurar seu direito ao jogo. Ele disse que sua principal dificuldade era a solidão por não se sentir confortável em conversar sobre seus problemas com ninguém do meio futebolístico. Ele entende ser um exemplo de que é possível ser homossexual, vencedor e profissional no meio futebolístico, sem criar nenhum constrangimento nos vestiários, talvez um dos maiores tabus quando se pensa em masculinidades não cisheteronormativas neste contexto.

Richarlyson e Emerson Ferreti sempre precisaram se esforçar mais. Por muitas vezes seus predicados técnicos foram insuficientes para conseguirem alguns postos de trabalho apenas pela “fama” de não serem heterossexuais. Se tentarmos ser otimistas, talvez seja possível olhar para esse momento com alguma esperança. Mesmo que aposentados esses dois ex-jogadores conseguiram afirmar suas sexualidades.

Nesta década entre os jogadores negarem e assumirem suas sexualidades não cisheteronormativas vimos um movimento lento mas, de alguma maneira, constante no esforço de desnaturalizar a cultura cisheterossexista que envolve os diferentes atores do futebol espetacularizado jogado por homens. Além das manifestações torcedoras, a ampliação da participação das mulheres nas arquibancadas, nas mídias e, também, jogando ajudam a deslocar os conteúdos até então tidos como definitivos naquele espaço. Que essa pluralidade siga sendo ampliada para que mais pessoas se autorizem a ser quem são nesse espaço ainda tão significativo para nossa cultura. Que a homofobia não mais seja autorizada nos espaços futebolísticos. E que o futebol possa ser cada vez mais colorido!

Referências

ALABARCES, Pablo. *Héroes, machos y patriotas: el fútbol entre la violencia y los medios*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2014.

ALMEIDA, Marco Bettine; SOARES, Alessandro da Silva. Futebol no banco dos reus: o caso da homofobia. In: *Movimento*. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 301-321, jan./mar., 2012.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. *Plumas, arquibancadas e paetês: uma história da Coligay*. Santos, SP: Dolores Editora, 2022.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. “Vôlei masculino é pra homem”: representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia. In: *Movimento*, v. 21, n. 1, p. 11-24, jan./mar., 2015.

ARCHETTI, Eduardo P. *Masculinidades: fútbol, tango y pólo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. *Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol*. Curitiba: Appris, 2019.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Amor e masculinidade nos estádios de futebol. In: *Esporte e Sociedade*. Ano 7, n. 19, p. 1-26, mar. 2012.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRITO, Leandro Teófilo de. Performances dissidentes no espaço do voleibol: masculinidades queer? In: PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa; SILVA, Alan Camargo (orgs.). *Educação física, esporte e queer: sexualidades em movimento*. Curitiba: Appris, 2019, p. 83-103.

BROMBERGER, Christian. *Significaciones de la pasión popular por los clubes de fútbol*. Buenos Aires: Libros del Rojas, 2001.

BUTLER, Judith. *Marcos de guerra: las vidas lloradas*. Barcelona: Paidós, 2010.

BUTLER, Judith. *Vida precaria: el poder del duelo y la violencia*. Buenos Aires: Paidós, 2009.

BUTLER, Judith. *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 151-172.

CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2002.

FIENGO, Sergio Villena. Gol-balización, identidades nacionales y fútbol. In: ALABACES, Pablo. (comp.). *Futbológicas: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003, p. 257-271.

- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber. (org.). Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 49-71.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. In: Educação & Realidade. Cultura, mídia e educação. FAGED/UFRGS, v.22, n.2, p. 59-79, jul./dez. 1997.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004, p. 243-276.
- GARCIA, Rafael Marques; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Do céu ao inferno: relato de um corpo queer em uma corrida de rua. In: PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa; SILVA, Alan Camargo (orgs.). Educação física, esporte e queer: sexualidades em movimento. Curitiba: Appris, 2019, p. 19-35.
- HOLZMEISTER, Antonio. A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros. 2005. 123f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2005.
- LOURO, Guacira Lopes. Discursos de ódio. In: SEFFNER, Fernando; CAETANO, Márcio. (orgs.). Discurso, discursos e contra-discursos latino-americanos sobre a diversidade sexual e de gênero. Rio Grande: Editora da FURG; Realize Editora, 2016, p. 271-282.
- MEYER, Dagmar Estermann. Corpo, violência e educação: uma abordagem de gênero. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 213-233.
- MOREIRA, Verónica. “El Rojo y Newell’s Old Boys, un sólo corazón”. Reciprocidad, amistad y rito de comensalidade entre las hinchadas de fútbol en Argentina. In: ALABARCES, Pablo (org.). Hinchadas. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005, p. 91-101.
- MOUFFE, Chantal. Feminismo, ciudadanía y política democrática radical. In: Ciudadanía y feminismo. México: Debate Feminista, Año 4, v. 7, p. 2-12, 1993.
- MÜHLEN, Johanna Coelho Von; GOELLNER, Silvana Vilodre. Representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 165-184, jan./mar. 2012.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs.). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 23-45.

- PARAÍSO, Marlucy Alves. Apresentação. In: PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). Pesquisas sobre currículos e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades. Curitiba: Editora CRV, 2010, p. 11-14.
- RIOS, Roger Raupp. Homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 53-83.
- SEFFNER, Fernando. Masculinidade bissexual e violência estrutural: tentativas de compreensão, modalidades de intervenção. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luis Felipe; PARKER, Richard G. (orgs.). Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004, p. 85-104.
- SEFFNER, Fernando; FELIPE, Jane. Apresentação – Deste livro e de como ele foi feito. In: SEFFNER, Fernando; FELIPE, Jane (orgs.). Educação, gênero e sexualidade: (im)pertinências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022, p. 17-22.
- SEFFNER, Fernando; Não há nada tão raro quanto o normal – O homem comum, a virilidade política e a norma em tempos conservadores. In: SEFFNER, Fernando; FELIPE, Jane (orgs.). Educação, gênero e sexualidade: (im)pertinências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022, p. 234-267.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- SILVA JÚNIOR, José Aelson da. Pedagogia do armário: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais. 2018. 160f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Estudos do Lazer) –Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: CORBIN, Alain; COUTRINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013, p. 424-453.
- VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alain; COUTRINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013, p. 270-301.

Recebido em outubro de 2023.

Aprovado em dezembro de 2024.